

DESAFIOS DA INCLUSÃO NA UNIVERSIDADE: O PROTAGONISMO ESTUDANTIL NA LUTA E RESISTÊNCIA CONTRA OS ESPAÇOS SILENCIADOS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Beatriz Louzada G. C. da Fontoura ¹

Yasmin Nunes Melo ²

Meire Kamile Montalvão Marques ³

Wyder Yann Costa Rodrigues ⁴

Anne de Resende Lombardi ⁵

Wilsa Maria Ramos ⁶

RESUMO

O artigo relata a experiência do projeto de extensão universitária *Comunidade Virtual de Aprendizagem e Práticas da Psicologia* do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Destacamos a sua contribuição para a formação acadêmica e o desenvolvimento interpessoal dos estudantes de psicologia. Fundamentada na Psicologia Histórico-Cultural e nos autores sobre Comunidades de aprendizagem e práticas, a comunidade se constitui como um coletivo de discentes de graduação, uma professora coordenadora e discentes voluntárias egressas do curso de Psicologia. As atividades incentivam a construção coletiva de conhecimentos, geração de novas práticas e redes de pertencimento, além do acolhimento de discentes, docentes e técnicos. Inclusive, as atividades se organizam como um espaço dialógico de luta e resistência diante de exclusões e desigualdades sociais nos micro espaços silenciados na universidade. Ao longo de 5 anos de projeto, mais de 20 discentes de graduação atuaram na gestão, realizando oficinas, minicursos e rodas de conversa de forma presencial e de forma online em conjunto com a produção de materiais multimídias presentes

¹ Mestre em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Escolar pela Universidade de Brasília - UnB, beatriz.fontoura@gmail.com ;

² Graduada pelo Curso de Psicologia da Universidade de Brasília- UnB, yasmin.nunes.melo@gmail.com ;

³ Mestranda do Curso de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília - UnB, kamilemarquespsi@gmail.com ;

⁴ Graduando pelo Curso de Psicologia da Universidade de Brasília - UnB, Wyderyanncostarodrigues2004@gmail.com ;

⁵ Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade de Brasília - UnB, lombardianne05@gmail.com ;

⁶ Professora orientadora doutora do Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar - PPGPDE - Instituto de Psicologia - UnB, ramos.wilsa@gmail.com.

nas redes sociais do projeto. Nesse período participaram das atividades aproximadamente mais de 1.200 pessoas, entre estudantes, servidores e público externo. A forma de auto gestão compartilhada da comunidade amplia as possibilidades de emergência do protagonismo estudantil enquanto processo de autoformação baseado nos princípios da democratização social e na valorização da diversidade sociocultural no âmbito universitário. Os resultados apontam que o diálogo entre os membros da comunidade favorece a conscientização, o engajamento, o pertencimento social e acadêmico e o enfrentamento das desigualdades e exclusões sociais vivenciadas na universidade.

Palavras-chave: protagonismo estudantil, comunidade de aprendizagem, pertencimento, espaços silenciados, extensão universitária.

INTRODUÇÃO

Este artigo relata a experiência construída ao longo de 5 anos da Comunidade Virtual de Aprendizagem e Práticas da Psicologia (CVAP_Psi⁷), um projeto de extensão vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (IP-UnB). A CVAP_Psi é uma entidade acadêmica composta por pessoas interessadas em trabalhar coletivamente para apoiar a comunidade do IP por meio da identificação de espaços silenciados e tensões presentes nas vivências universitárias dos estudantes e entre os membros da comunidade.

Além disso, visa proporcionar o protagonismo juvenil por meio da autonomia para criação de espaços de aprendizagem mútua, formação e produção de conteúdo no campo da formação acadêmica, melhorando qualitativamente os fluxos de comunicação e informação, construindo espaços relacionais na universidade menos hierárquicos e mais horizontais. Para cumprir estes objetivos, os princípios e valores que norteiam e direcionam a atuação da equipe gestora no exercício de suas atividades e práticas comunitárias são pautados na ética, respeito e horizontalidade na construção e entrega de ações; na democratização do saber; na valorização da autonomia e da pluralidade intelectual/cultural e no compromisso ético-político em um movimento mais amplo de defesa da universidade pública como espaço democrático, inovador e comprometido com a realidade social.

⁷ A CVAP_Psi é um projeto de extensão da Universidade de Brasília. O Instituto de Psicologia provê bolsas para estudantes extensionistas do projeto.

A CVAP_Psi foi criada em 2020, aprovada em edital do Decanato de Extensão da UnB, renovado a cada ano desde então (código atual PJ043-2025). Neste ano de início, as universidades de todo país foram impactadas devido ao contexto da pandemia de COVID-19, instaurando o Ensino Remoto Emergencial (ERE), o que alterou as dinâmicas de processos de ensino e aprendizagem e trouxe consigo a necessidade de se repensar as relações e práticas pedagógicas estabelecidas no contexto universitário, assim como as formas de interação e construção do conhecimento fora do ambiente presencial (Neves et. al., 2021). Nesse sentido, o projeto foi desenvolvido com o intuito de colaborar nessa transição, atuando com discentes, docentes e servidores, e tem se transformado alinhando-se às necessidades da comunidade desde então.

A escolha por investigar a CVAP_Psi justifica-se pela relevância de ampliar a compreensão acerca de metodologias inovadoras de ensino-aprendizagem no ensino superior. Diante das transformações sociais, culturais e tecnológicas da contemporaneidade, torna-se imprescindível repensar práticas formativas que ultrapassem os limites do modelo tradicional e disciplinar, colocando os estudantes em posição de centralidade do estudar, colaborar e do fazer acadêmico e social. A experiência da CVAP_Psi, ao valorizar a horizontalidade, o protagonismo estudantil e a integração entre teoria e prática, mostra-se um campo fértil para compreender como comunidades de aprendizagem colaborativas podem contribuir para a formação de psicólogos críticos, éticos e socialmente engajados.

Para compreensão da base teórica das comunidades de aprendizagem e práticas, entende-se como comunidade um agrupamento de indivíduos que compartilham interesses, valores e projetos comuns, em que os desafios e conflitos do cotidiano são o motor para o diálogo e construção conjunta entre os participantes. Nessas comunidades, os membros são convidados a partilhar suas experiências, independente de idade ou tempo de atuação na área de interesse do grupo, criando laços de pertencimento e redes de apoio que se sustentam na colaboração e nas trocas dentro e fora da comunidade (Sampaio-Ralha, 2007).

No contexto contemporâneo, as tecnologias digitais de informação e conhecimento (TDICs) ampliam as possibilidades de encontro, trazendo para a virtualidade um território fértil para a ação coletiva e o diálogo interativo. As chamadas Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Práticas surgem nesse cenário. Sartori e Roesler (2003) definem comunidades virtuais como espaços formados por agrupamentos humanos no ciberespaço. Seu funcionamento está diretamente ligado, num primeiro momento, às redes de conexões

proporcionadas pelas tecnologias de informação e comunicação e, num segundo momento, à possibilidade de, neste espaço, pessoas com objetivos em comum se encontrarem, estabelecerem relações e desenvolverem novas subjetividades.

Um formato ainda mais específico, as Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVAs) são criadas a partir de objetivos definidos, principalmente o de desenvolver habilidades, competências e de formação geral ou profissional em determinado grupo a partir da coletividade e da oferta de dispositivos de informação e comunicação para seus integrantes. A Comunidade Virtual de Aprendizagem, como forma de promover educação, cultura e comunicação, oportuniza a socialidade - visto que os aprendizes se encontram apoiados por uma lógica de compartilhamento tanto de paixões e sentimentos quanto de projetos de vida (Sartori & Roesler, 2003). Segundo os autores, essas comunidades pretendem, em suas dinâmicas sociais, uma participação ativa e a construção de locais de encontro genuínos entre seus membros, no qual cada um contribui a partir de sua própria experiência, habilidade e identidade. Nessas relações sociais, cada membro é responsável não apenas por sua aprendizagem, mas também pela do outro. Assim, o objetivo é atingir uma dinâmica constante e interativa de aprendizagem colaborativa. Para isso, é essencial o empenho, a determinação e a autonomia de todos os membros, que cotidianamente constroem e compartilham conhecimento no intuito de operacionalizar esse processo de aprendizagem colaborativa (Meirinhos & Osório, 2017).

Considerando o exposto, uma CVA caracteriza-se fundamentalmente pela interação dos seus membros para promoção do debate contínuo das suas práticas dentro dessas comunidades. Com isso, os membros devem encorajar a si e aos outros a refletirem sobre os processos de aprendizagem, movendo-se de “aprender sobre” para “aprender a ser” dentro de seus contextos. Também é de grande importância a diversidade de experiências e perspectivas dentro dessas comunidades, tendo em vista que a particularidade de cada participante possibilita o enriquecimento das interações e produções (Calvo, 2017; Donaldson, 2020).

A metodologia adotada nesta pesquisa é de natureza qualitativa, configurando-se como um relato de experiência com base em registros, documentos institucionais e produções acadêmicas dos participantes do projeto. A proposta metodológica esteve centrada em uma perspectiva dialógica e participativa, coerente com os princípios do próprio projeto. As informações desenvolvidas na pesquisa priorizaram as experiências vivenciadas pelos integrantes do projeto e valorizando a diversidade de perspectivas que emergiram da convivência e das práticas compartilhadas ao longo dos cinco anos de existência da CVAP_Psi.

A experiência da CVAP_Psi evidenciou o potencial das comunidades de aprendizagem e práticas como espaços de formação, pertencimento e transformação no contexto universitário. O projeto tem fortalecido o senso de protagonismo estudantil e a construção coletiva de saberes por meio de práticas pautadas na escuta, na horizontalidade e na corresponsabilidade entre discentes, docentes e técnicos. As ações desenvolvidas, como rodas de conversa, produções midiáticas e encontros formativos têm promovido aprendizagens colaborativas e reflexivas, favorecendo o desenvolvimento de uma postura ética e crítica diante dos dilemas acadêmicos do curso de Psicologia e da vida profissional na área.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como um relato de experiência sistematizado, que descreve e analisa criticamente a trajetória do projeto de extensão "Comunidade Virtual de Aprendizagem e Práticas da Psicologia" do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, ao longo de um período de cinco anos. A opção por este delineamento justifica-se pela necessidade de documentar e refletir sobre práticas inovadoras e seus impactos na formação acadêmica, a partir da perspectiva dos próprios agentes envolvidos em sua execução (MITRAN, 2020).

O trabalho assume os princípios da Psicologia Histórico-Cultural como fundamento teórico-metodológico, compreendendo que a realidade é construída e transformada pela atividade humana em contextos sociais específicos. Dessa forma, a comunidade é analisada como um espaço dialógico onde os processos de humanização e enfrentamento de contradições sociais são potencializados.

3.1. Contexto e Sujeitos da Experiência

O projeto em análise é um coletivo autogerido composto por uma professora coordenadora, discentes de graduação em Psicologia (que atuam de forma direta na gestão) e discentes voluntárias egressas do curso. Ao longo de cinco anos, mais de 20 estudantes passaram pela equipe de gestão, construída de forma horizontal. O público-alvo das atividades realizadas incluiu discentes, docentes, técnicos administrativos e comunidade externa, totalizando aproximadamente 1.200 participantes.

3.2. Procedimentos de Sistematização da Experiência

Para a construção deste relato, os dados foram extraídos de um conjunto de fontes documentais e práticas reflexivas inerentes ao projeto, que foram organizadas e analisadas a posteriori. Os procedimentos incluíram:

- **Análise Documental:** Foram examinados registros internos do projeto, como relatórios anuais de atividades, planejamentos de oficinas, minicursos e rodas de conversa, e o conteúdo publicado nas redes sociais do projeto. Esta análise permitiu mapear a evolução temporal das atividades, os temas centrais abordados e as estratégias de comunicação adotadas.
- **Registros Reflexivos da Gestão:** Foram utilizados como fontes de dados as atas de reuniões da equipe e os diários de campo mantidos pelos membros, os quais documentam impressões, desafios superados, decisões coletivas e processos de aprendizagem vivenciados no cotidiano do projeto.
- **Observação Participante:** Considerando o envolvimento direto dos autores na coordenação e gestão da comunidade, marcada pela horizontalidade, a observação imersiva e contínua das dinâmicas interacionais constituiu-se como uma fonte primordial de dados, permitindo capturar as nuances dos processos de acolhimento, construção coletiva de conhecimento e enfrentamento de desigualdades.

3.3. Análise dos Dados

Os dados provenientes das diversas fontes foram organizados cronologicamente e submetidos a uma análise temática de cunho reflexivo, conforme proposto por Minayo (2017). O processo analítico centrou-se na identificação de unidades de significado e na categorização dos achados em eixos temáticos emergentes, que se estruturaram em torno dos conceitos norteadores do trabalho: protagonismo estudantil, luta e resistência em espaços silenciados, e construção de pertencimento social e acadêmico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inclusão e Espaços Silenciados: a CVAP_Psi e a Transformação dos Ambientes Acadêmicos no Ensino Superior

A Educação no Ensino Superior é permeada por múltiplos desafios para o acesso e permanências para grupos de pessoas que fazem parte de minorias sociais no Brasil. A educação pode ser espaço de conscientização, emancipação e transformação, e também pode

ser espaço de manutenção de violências e exclusão de histórias de vida a depender de sua intencionalidade e perspectivas de mundo e ser humano (Freitas, 2023; Caffagni, 2024). Os membros da CVAP_Psi deparam-se com essas realidades na Universidade de Brasília, e buscam em suas atuações ampliar os espaços na Universidade em que a educação se constroi como transformadora, e denunciar espaços silenciadores e opressivos. Colaborando para a construção de espaços educativos no ensino superior que para além da produtividade, considere ser afetivo.

Essas violências presentes na Universidade constituíram-se por meio de processos desde o Brasil colônia na construção de suas instituições modernas e os espaços de educação do Ensino superior brasileiro inseridos nesse meios produzem e reproduzem essa lógica. Com isso, é importante questionar essa lógica e práticas perpetuadoras de violências, e caminhar com compromisso ético-político em direção à decolonialidade (Coimbra, 2024). O projeto busca por ares e vozes mais inclusivos e democráticos para a educação em instituições de ensino superior na realidade social brasileira. Os membros da CVAP_Psi, ao observarem em suas vivências essas contradições, notaram que é necessário localizar essas narrativas silenciadas e os desafios que dificultam a construção de uma educação inclusiva.

No artigo, elaborado por pessoas que participaram da CVAP_Psi (Fontoura et al., 2025), eles compreendem o projeto por meio do “compromisso ético-político em tensionar, construir e dialogar a partir dessas narrativas, buscando democratizar o saber e o Ser Humano, valorizando a autonomia e a pluralidade intelectual e acadêmica.(p.8)”. Dentro de seu contexto, buscam em suas ações mover-se com o ponto de partida na sensibilidade crítica de seus membros diante seu território. Estando atentos às mudanças da realidade social que atravessam o projeto, reavaliando suas ações, desafios, propostas, objetivos e perspectivas.

Ferreira (2023) explora o conceito de extensão universitária elaborado pela Forproex na Política Nacional de Extensão, e ela compreende a extensão como uma atividade que busca o diálogo dos conhecimentos produzidos por sujeitos e ambientes plurais. E não é qualquer ação relacionada à universidade e a comunidade, mas está sob o rigor das metodologias científicas, e aberta a aprender com outro, ressignificar esses conhecimentos pelos confrontos dos conhecimentos existentes na realidade concreta. Além da intencionalidade da extensão universitária em produzir conhecimento para transformação da realidade.

A CVAP_Psi enquanto projeto de extensão possui suas bases teóricas e um documento norteador elaborado coletivamente que dão base para se pensar “o que é a CVAP_Psi?”. Essas bases atuam como uma direção a caminhar e não como algo fechado, seus

membros compreendem a importância da potência do projeto ter uma base, e de poder adquirir diferentes formas a depender de seu espaço-tempo no mundo e dos conhecimentos e habilidades de seus membros. É um projeto que atua pelo diálogo, não se fecha em conhecimento prévios, porém os amplia ou os ressignifica diante os confrontos com as vivências de sua comunidade.

Os membros do projeto diante de debates e reflexões internas sobre a identidade e atuações do projeto chegou ao entendimento sobre o termo “*Espaços Silenciados*” que se tornou o pensar norteador das ações e identidade do grupo. Espaços silenciados refere-se a temas, grupos, práticas silenciadas na formação, no caso em psicologia, em que se faz necessário ecoar outras narrativas para formação de futuros psicólogos. Denunciando o “tapar” os ouvidos para certas pautas que advém de estruturas opressivas históricas do território brasileiro (Fontoura et al., 2025).

Diante desse modo de atuação, nos anos de 2023 e 2024 durante a Semana Universitária da UnB, realizaram atividades para a comunidade universitária que dialogam sobre a sensação de pertencimento na universidade. No ano de 2024, exploraram pertencimento para a dimensão enquanto ato político. Essas atividades usaram a medição de recursos artísticos e conhecimentos dos próprios membros para proporcionar um espaço de reflexões valiosas e acolhimento a comunidade. Esses diálogos com a comunidade evidenciaram a Universidade como lugar de sentimentos de exclusão e solidão, como também espaço para conexão e exploração da própria identidade. Em meios às trocas e diálogos, esses momentos proporcionam a sensação de empoderamento e fortalecimento diante os desafios, ampliando as possibilidades de narrativas presentes na Universidade através da luta coletiva.

Rodrigues (2004) compreende a inclusão como um processo interativo e dinâmico atravessado por múltiplos fatores, e se uma universidade pretende assegurar o direito à educação e à igualdade de oportunidades deve refletir e agir sobre as condições de acesso e “sucesso” que oferece a seus estudantes. Os membros da CVAP_Psi vivem a comunidade, sendo atravessado em diferentes posições por essas demandas emergentes dessas vivências. Com esse viver, e o estar em um contato sensível ao outro, identificam espaços silenciados de seu território que muitas vezes exclamam práticas excludentes e a falta de ações que garantam a inclusão e a plena vivência à educação. Deparando-se com a ausência de políticas institucionais eficientes para permanência de estudantes que estão para além dos braços do projeto, porém que podem de alguma maneira problematizar e dialogar sobre elas. Alguns desses exemplos são acessibilidade para estudantes com deficiências, estudantes 60+,

desrespeitos em relação ao trabalho de servidores da secretária do Instituto e outros apoios à secretaria diante de questões que deveriam ser estruturadas institucionalmente.

Compreendendo esse múltiplos fatores dinâmicos e interacionais que resultam numa educação inclusiva. Como aponta Rodrigues (2004), há uma falta do pensar na pedagogia e metodologias realizadas em sala de aula no ensino superior e as causas que podem estar afetando no desempenho de seus estudantes. Inquietos com essa dificuldade, a CVAP_Psi propôs ser como um ponte de diálogo entre docentes e discentes sobre práticas pedagógicas, refletindo e construindo coletivamente o ambiente que faça mais sentido para todos e possam estar efetivamente usufruindo dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade.

Para exercer suas ações, os membros do projetos buscam se fortalecer em parcerias com a própria comunidade, fortalecendo o vínculo dentro da comunidade interna e externa do Instituto.. Algumas exemplos de parcerias são: CinePET (PET Psicologia) promovendo discussões com os estudantes sobre pertencimento na Universidade, com o CAPSI (CA de Psicologia) realizando avaliação do semestre e feedback para os professores, e com o COEDUCA/UnB, oficinas envolvendo processos de aprendizagem no ensino superior.

Seus membros, diante a esses espaços silenciados em sua formação, realizaram eventos como “*Formei, e agora?*” com temas relacionados ao mercado de trabalho para os estudantes dialogarem com trabalhadores das áreas. Oficinas sobre o básico de libras em parceria com o projeto de extensão “*Eai, librou?*”. E as “*Maratonas acadêmicas*” que são encontros ao redor de uma tema em comum, alguns dos grande temas foram sobre “Educação e Tecnologia”, “Produção de documentos na psicologia”. Outros eventos que surgem a partir de movimentações da comunidade como “o que a psicologia tem a ver com a Política? - O ensino superior público” tendo como convidados um professor e uma servidora do Instituto. Outra prática presente são ações voltadas para o acolhimento de calouros, dialogando, tirando dúvidas e apresentando a universidade a eles por meio de diferentes dinâmicas. Além de produzir conteúdos informativos (ex. cartilhas, *instagram*) para a comunidade sobre dúvidas e necessidades da comunidade do IP.

Protagonismo Estudantil: Autonomia e Pertencimento na CVAP_Psi

A construção do protagonismo estudantil na CVAP_Psi inscreve-se em uma perspectiva emancipadora, que compreende a aprendizagem como um processo de autoria e corresponsabilidade. Nesse espaço, a autonomia emerge em diálogo com o sentimento de pertencimento, ambos sustentados por práticas colaborativas que rompem com os modelos

hierárquicos e individualizantes do ensino superior (Fontoura et al., 2025). O protagonismo não se limita à participação formal dos estudantes, mas traduz-se em engajamento ético, afetivo e político, enquanto os discentes passam a ocupar o centro das decisões e das ações formativas, compartilhando com docentes e colegas a construção de saberes e práticas.

Para Volkweiss et al. (2019), essa forma de protagonismo requer que os ambientes educativos se constituam como espaços de escuta e diálogo, capazes de reconhecer os estudantes como autores de suas trajetórias e responsáveis pela transformação das realidades que habitam. Diante a perspectiva, durante a Semana Universitária da UnB em 2024, o projeto realizou uma oficina sobre pertencimento e expressão estudantil como ato político. A atividade gerou reflexões potentes, ao evidenciar, por meio das trocas entre os participantes, como a vivência universitária muitas vezes desperta sentimentos de exclusão e isolamento, em vez de acolhimento e integração, expectativas frequentemente frustradas pelos modelos tradicionais de ensino. Ao mesmo tempo, o encontro despertou um sentimento de empoderamento coletivo, reforçando a necessidade de criação de espaços de escuta e pertencimento que ampliem a participação política e simbólica dos estudantes.

Assim, as práticas colaborativas da CVAP_Psi, sustentadas por uma pedagogia da escuta e do diálogo, promovem a autogestão e a corresponsabilidade entre seus membros, fortalecendo o senso de comunidade e o exercício da autonomia (Fontoura et al., 2025). Inspirada na concepção de comunidades virtuais de aprendizagem de Sartori e Roesler (2003), a CVAP_Psi configura-se como um território de sociabilidade, cultura e cooperação, onde a convivência e a partilha de experiências possibilitam a ação política e o fortalecimento da identidade coletiva. Nessa perspectiva, o protagonismo estudantil ultrapassa os limites curriculares e institucionais, transformando a formação em Psicologia em um espaço de experimentação e criação compartilhada. Ao integrar extensão, diálogo e pertencimento, a comunidade consolida um aprendizado emancipador, em que teoria e vida se entrelaçam, reafirmando o protagonismo e o pertencimento como dimensões essenciais de uma educação democrática e humanizadora (Fontoura et al., 2025; Volkweiss et al., 2019; Sartori & Roesler, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A CVAP_Psi representa a potência da Universidade na transformação social por meio da Extensão Universitária. A horizontalidade, um princípio contra-hegemônico no partilhamento de saberes, dialoga com o protagonismo estudantil, que convoca o

tensionamento dos Espaços Silenciados e a integração entre teoria e prática. A interação entre os estudantes demonstra que suas experiências de vida e distintas posições subjetivas trazem consigo sensibilidades à escuta daquilo que ainda não é dito e nomeado na Universidade. Destaca-se que o amparo institucional, por meio de bolsas e a concessão de uma sala para o projeto, é uma condição fundamental no âmbito da CVAP_Psi, pois proporciona aos estudantes da gestão a ocupação da Universidade com um local de referência para o necessário descanso entre as atividades curriculares e extracurriculares e condições para a presença nos demais espaços de formação e cultura que extrapolam a sala de aula e que configuram o acesso a uma vivência plena da Universidade. É consolidado, assim, um ambiente seguro para reivindicações que urge ser cuidado. Por fim, espera-se que outros estudantes e profissionais possam vislumbrar na Comunidade Virtual de Aprendizagens e Práticas novas formas do fazer coletivo, em que os questionamentos frente aos Espaços Silenciados de suas esferas se façam concretas. Sugere-se a realização de estudos que aprofundem as discussões acerca dos Espaços Silenciados, dialogando suas especificidades no âmbito da Universidade e além dela.

REFERÊNCIAS

- CALVO, L. C. S. Comunidades de prática: revisão dos estudos seminais e dos desenvolvidos na área de formação e atuação docente. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 20, n. 1, p. 186–217, 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/27653>. Acesso em: 22 jan. 2025
- CAFFAGNI, C. W. A. Qual a função social da escola? Reflexões de nuances sociais e políticas a respeito da instituição escolar. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 122, p. 1–18, jan./mar. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362024003204250>. Acesso em: 27 out. 2025
- COIMBRA, K. E. R. Precisamos falar sobre violência acadêmica: a universidade como locus de reprodução de violências coloniais. *Revista Inter-Ação*, Goiânia, v. 49, n. 2, p. 1098–1112, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/79002>. Acesso em: 27 out. 2025
- DONALDSON, J. P. *Building a digitally enhanced community of practice*. Information and Learning Sciences, v. 121, n. 5/6, p. 241–250, 2020.
- FERREIRA, O. A. Democracia e extensão universitária. *Revista Extensio*, Florianópolis, v. 20, n. 47, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-0221.2023.e97306>
- FONTOURA, B. L. G. C.; MELO, Y. N.; MARQUES, M. K. M.; RODRIGUES, W.Y. C.; LOMBARDI, A. R.; RAMOS, W. M.. Protagonismo estudantil: o potencial de uma comunidade frente aos espaços silenciados no ensino superior. *Revista Conexão UEPG*, Ponta Grossa, v. 21, n. 1, 2025. Publicação contínua. DOI: <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.21.24947.034>. Acesso em: 27 out. 2025

- FREITAS, L.. Qual agenda para qual democracia: o papel da escola e seus profissionais. *Formação em Movimento*, v. 5, n. esp., n. 10, p. 15–36, 2023. DOI: <https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2023.v5e.n10.15-36>.
- MEIRINHOS, M.; OSÓRIO, A. Criação de comunidades virtuais de aprendizagem colaborativa para a formação contínua de professores. *Edutech Review: International Education Technologies Review – Revista Internacional de Tecnologias Educativas*, v. 4, n. 1, 2017. Disponível em: <https://edulab.es/revEDUTECH/article/view/1390>. Acesso em: 22 abr. 2025
- MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- MITRAN, D. C. A sistematização de experiências como procedimento metodológico para a produção de conhecimento em Serviço Social. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 138, p. 544-561, set. 2020.
- NEVES, V. N. S.; VALDEGIL, D. de A.; SABINO, R. do N. Ensino remoto emergencial durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: estado da arte. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. e325271, 2021. DOI: 10.47149/pemo.v3i2.5271. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/5271>. Acesso em: 29 out. 2025.
- RODRIGUES, D. A inclusão na universidade: limites e possibilidades da construção de uma universidade inclusiva. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v.23, p. 9-15. 2004. <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4951>. Acesso: 2021-06-30
- SARTORI, A. S.; ROESLER, J. Comunidades virtuais de aprendizagem: espaços de desenvolvimento de socialidades, comunicação e cultura. In: II Simpósio: E-agor@, professor? Para onde vamos?, 2003, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: PUC-SP/COGEAE, 2003. Disponível em: <https://www.pucsp.br/tead/n1a/artigos%20pdf/artigo1.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- SAMPAIO-RALHA, J. L. F. Comunidades virtuais: o que é, para que serve, por que, como usar e como não usar. In: MORAES, U. C. (org.). *Tecnologia educacional e aprendizagem: o uso dos recursos digitais*. São Paulo: Livro Pronto, 2007. Cap. 11. 224 p. ISBN 978-85-98627-64-9
- VOLKWEISS, A.; LIMA, V. M.; FERRARO, J. L. S.; RAMOS, M. G. Protagonismo e participação do estudante: desafios e possibilidades. *Educação Por Escrito*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan.–jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2019.1.29112>. Acesso em: 28 out. 2025.